

SETOR ELÉTRICO

IDEIA FIXA, ALVO ERRADO

O Idaho National Laboratory (INL) é uma entidade federal americana, parte do Departamento de Energia e que publica o "Study of United States Hydroelectric Plant Ownership". Invejei a consulta à sua página, tal a facilidade de obter dados de usinas. Quantas são, mapa detalhado, dados técnicos e quem são os concessionários. Apesar das estatísticas impecáveis, não havia a informação que eu procurava: Qual seria o prazo das concessões? O que fazem ao término? Qual o nível de legislação sobre o assunto? Dada a disponibilidade de um e-mail pessoal (uma raridade) consultei o dr. Douglas Hall. Expus o que estava ocorrendo no Brasil e indaguei sobre a forma americana de atuar. Dr. Hall manifestou grande espanto ao saber que, na concessão de potenciais hidrelétricos no Brasil há uma exigência constitucional de licitação. Lá, há também o prazo de 30 anos, mas não existe extinção por tempo e muito menos a Constituição trata disso. A possibilidade de um concessionário perder a licença é o descumprimento do contrato ou a ocorrência de uma falha grave. Quem julga a questão é o Ferc (Federal Energy Regulatory Commission). Vejam as diferenças (ao lado):

1- Concedida a licença, sobretudo para quem construiu a usina, o Estado americano não vê sentido em licitá-la para outro empresário. Se o contrato é satisfeito, não há porque se arriscar a trocar de responsável. A concessão é um pacto firmado e nada tem a ver com prazos.

2 - A amortização de ativos, vantagem a ser capturada pelo consumidor, é um tema contábil, e, se auditado e autorizado pelo poder concedente, não pode ser alterado. Independe de prazos, até porque ativos podem ser amortizados antecipadamente.

3 - A ocorrência de falhas pode determinar a cassação. A situação é bem diferente dos nossos exemplos de concessionários de outros setores com longo histórico de falhas sem grandes consequências.

Explicam-se as tarifas mais baixas em Estados com percentuais significativos de hidreletricidade. A América adota o regime de custo do serviço, o mesmo que abdicamos em 1995, para entrar de cabeça no modismo da década de 90. Preferimos o exemplo dos países europeus, apesar da nossa matriz radicalmente distinta. Isso nos leva à saga da tarifa brasileira, que subiu 76% acima da inflação em 16 anos. Mas, quais são os componentes da nossa tarifa? Segundo a Aneel, em 2011, a estrutura percentual de uma fatura média era: energia (kWh), 31%, transmissão, 5,7%, distribuição, 26,5%, encargos, 10,9% e impostos, 25,9%. Se alguém estranha o percentual mais baixo dos impostos, lembro que é uma média, onde Estados cobram distintas alíquotas de ICMS e dão isenções para baixas faixas de consumo.

Numa primeira visão, para reduzir a fatura, o melhor seria atacar a maior componente. Assim, haveria sentido em intervir no preço da geração. Mas, que tal olhar essa mesma proporção em outros países? Alguns exemplos: Reino Unido, 74%; Estados Unidos, 58%; Itália, 47%; Irlanda, 55%; Espanha, 44%; Polônia, 42%; Áustria, 42% e Holanda, 42%. Ora, pela amostra, atuar sobre esta parcela teria muito mais efeito nesses países do que aqui. A Suécia e a Noruega também têm proporção similar à brasileira, mas lá a tarifa não dobrou de valor em 16 anos.

A parcela "kWh" não é nosso problema. Os Estados Unidos avaliam em US\$ 80/MWh o preço da energia de novas hidrelétricas. Santo Antônio, Jirau, Teles Pires e Belo Monte não servem para estabelecer um preço de mercado pois são projetos repletos de subsídios. Mas, temos conseguido US\$ 60/MWh em diversos outros casos (Serra do Facão, Chapecó e Estreito). Estamos "bem na foto" porque parte dos custos de amortização já tinham sido reduzidos antes de 1995. A Fiesp nunca teve razão na sua campanha. A obsessão por baixar preços sem diagnóstico está ameaçando muito mais do que a Eletrobras. As usinas hidrelétricas mais antigas serão as vítimas, pois terão que operar com "tarifas" de operação e manutenção que chegam a um terço dos exemplos americanos. As consequências virão depois.

Fugindo do diagnóstico e dos próprios erros, a "ideia fixa" governamental vai avançando sobre outras atividades. Há indícios de que ela atingiu também a operação do sistema, por mais que autoridades neguem. É verdade que a hidrologia do Nordeste tem sido baixa mas, considerando o sistema interligado, não se pode reclamar de S. Pedro. Nos últimos quatro anos, apenas 2012 ficou abaixo da média (80%). Os três anteriores chegaram a exceder em 30%! Como nosso sistema é capaz de armazenar o equivalente a cinco meses de consumo, tudo se resume à gestão de um estoque de longo prazo com a ajuda das térmicas. Como elas são caras e seu custo "corre por fora" da tarifa, a obsessão barateadora adia seu uso.

Em fevereiro de 2012, a hidrologia já estava ruim e continuou mal o resto do ano. No entanto, surpresa! A geração térmica chegou a ser reduzida de maio a agosto e, de repente, após o anúncio da medida provisória em setembro, as térmicas foram despachadas no máximo, gerando as despesas bilionárias a serem cobertas pelo Tesouro. Coincidência? Se não se usa térmicas, usa-se água. Como nosso sistema tem memória de elefante, as térmicas ausentes em 2012 são as turbinas paradas no Rio S. Francisco em 2013, tentando encher o "vazio" de 2012. Com pouca reserva não havia como as hidrelétricas reagirem ao apagão de 28 de agosto. Gastos bilionários em combustíveis sem desgraças hidrológicas mandam-nos o recado que faltam usinas. Só não vê quem não quer. Ideia fixa, alvo errado, reservatório esvaziado, apagão facilitado.

"Segundo a Aneel em 2011, a estrutura percentual de uma fatura média era: energia (kWh), 31%, transmissão, 5,7%, distribuição, 26,5%, encargos, 10,9% e impostos, 25,9%"



O QUE SIGNIFICA ASSÉDIO MORAL NO TRABALHO?

É a exposição dos trabalhadores e trabalhadoras causadas pelos seus chefes superiores, como humilhações, constrangimentos, esforços repetitivos, jornada prolongada de trabalho no exercício de suas atividades laborais, atitudes autoritárias e totalitárias em que predominam condutas negativas, relações desumanas de um ou mais chefes dirigida aos seus subordinados, desestabilizando a relação da vítima com o ambiente de trabalho e a degradação deliberada das condições de trabalho, forçando a desistir do emprego (pedir demissão).

Uma prática comum e constante no ambiente do trabalho é o isolamento. O trabalhador ou trabalhadora é isolado do grupo sem explicações, passando a ser hostilizado, ridicularizado, inferiorizado e desacreditado diante do coletivo, fazendo com que a pessoa vá gradativamente se desestabilizando e fragilizando, perdendo sua autoestima. Na maioria dos casos, os mais assediados são aqueles com vínculo formal (estatutário ou CLT). A pressão é maior tendo em vista que eles representam custos para as empresas e esta precisa "se livrar" deles para contratar mão de obra mais barata, na maioria das vezes recorrendo à terceirização.

A prática do assédio moral pode levar à morte. O trabalhador humilhado sofre sérias consequências, como interferência nos sentimentos e emoções, alterações de comportamento, agravamento de doenças preexistentes ou desencadeamento de novas doenças, ansiedade, angústia, transtornos que vão desde a tristeza à depressão e à síndrome do pânico ou mesmo prática de suicídio. Todo trabalhador e toda trabalhadora que estiver sofrendo assédio deve procurar ajuda primeiro no seu sindicato, nos centros de referência em saúde do trabalhador ou no Ministério Público. Quando o chefe ou mesmo o colega de trabalho começa a agir de modo a humilhar e rebaixar o outro, devemos ficar atentos para não cair numa cilada emocional: o trabalhador ou trabalhadora que testemunhar cenas de humilhação no trabalho deve superar o medo, ser solidário com o colega, denunciar o agressor mesmo porque ele poderá ser "a próxima vítima". Os chefes contam sempre com o silêncio e o medo das vítimas e das testemunhas, porque o medo reforça o poder do agressor.

A luta para recuperar a autoestima, a dignidade, a identidade e o respeito no trabalho passa necessariamente por formas coletivas de atuação, como sindicatos, CIPAs, organizações por local de trabalho (OLT), Comissão de Direitos Humanos e dos Núcleos de Promoção de Igualdade e Oportunidades e de Combate à Discriminação no local de trabalho, existentes hoje nas centrais sindicais, nos sindicatos e nas Superintendências Regionais do Trabalho.



CELESC

CELOS CONFIRMA DUAS CHAPAS INSCRITAS PARA CONSELHO DELIBERATIVO

A Celos divulgou na última sexta-feira, dia 04, que duas candidaturas foram registradas para a eleição para Conselho Deliberativo da fundação. A Chapa 1 é composta por Henri Machado Claudino (titular) e Paulo Roberto Xavier de Oliveira (suplente). A chapa 2 tem como titular Claudia Chaves de Souza e, como suplente, Rafael Silva Gobatto. A eleição ocorre no dia 26 de novembro. **Conforme deliberado democraticamente pelos trabalhadores na Assembleia Estadual deste ano, a Intercel apoiará a candidatura dos companheiros Henri Claudino e Paulo de Oliveira**, que têm um longo histórico na defesa dos interesses dos trabalhadores através da atividade sindical.

CALENDÁRIO

Os candidatos apoiados pela Intercel percorrerão a base conversando com trabalhadores, apresentando propostas e coletando sugestões

- 16 E 17/10 - REGIÃO SUL**
- 21 A 25/10 - REGIÃO DE FLORIANÓPOLIS**
- 28 A 01/11 - REGIÃO NORTE**
- 04 A 08/11 - REGIÃO OESTE**
- 11 A 15/11 - REGIÃO DO VALE DO ITAJAÍ**

Participem das concentrações, debatam, questionem e sugiram. Apenas a ampla participação dos celesquianos fará com que a representação no Conselho Deliberativo seja efetivamente compromissada com os anseios dos trabalhadores.

facebook.com/henri.claudino
Trabalhadores Unidos, Celos Forte!

TRABALHADORES UNIDOS, CELOS FORTE!

Vote Henri e Paulo
Apoiados pela Intercel

TODOS CONTRA A TERCEIRIZAÇÃO

A Associação Nacional dos Magistrados (Anamatra) em parceria com o Movimento dos Direitos Humanos lançou campanha contra o Projeto de Lei 4330/2004, de autoria do Deputado Federal Sandro Mabel, que permite a terceirização em todas as áreas, pondo em risco os direitos trabalhistas históricos da classe trabalhadora. A campanha conta com a participação de atores famosos brasileiros como Wagner Moura, Camila Pitanga, Dira Paes e Osmar Prado. Os vídeos estão disponíveis no site da Anamatra (www.anamatra.org.br) e no canal da associação no Youtube. Os sindicatos da Intercel e da Intersul apoiam a campanha e estão na luta contra a terceirização e o PL 4330. Compartilhem os vídeos nas redes sociais. Vamos na luta pelos direitos dos trabalhadores brasileiros, vamos todos contra a terceirização!

TRIBUNA LIVRE

"ENTRE PREÇO E VALOR" por Neilor Cavalli

Este ano um grande número de Celesquianos completou 25 anos de trabalho. 25 anos que nos permitem olhar para nossa história e avaliar a quem servimos como empregados, como empresa e como cidadãos na sociedade. Ser eletricitário por vocação é o que diferencia aqueles que vivem a Celesc daqueles que apenas trabalham aqui.

Todo ser humano sabe que precisa agir com sabedoria para que seus sucessores tenham um futuro digno e feliz. O equilíbrio é vital para a sustentabilidade, e esta para a sobrevivência da raça humana. Neste aspecto é necessário que todas as ações sejam ordenadas e cautelosamente planejadas para preservar o planeta, seus recursos e seus habitantes (de todas as espécies). Muitas espécies já não existem e outras estão em extinção. Há muita desigualdade social e uma péssima distribuição de renda, de oportunidades e de conhecimento.

A Bíblia (livro de ensinamentos cristãos) traz a base ética, moral e espiritual que norteou a fundação da maioria das sociedades contemporâneas. É nela que encontramos a pequena e sábia conclusão que diz: "Não podeis servir a Deus e ao dinheiro." (Mt 6-24). Ainda que não seja cristão, todo ser humano tem em seu âmago a necessidade de algumas razões que justifiquem sua existência. Que dê um sentido a tudo o que acontece e principalmente que dê uma direção a seguir.

Servir a Deus implica em servir à vida e a tudo o que a promova, para que a humanidade e o ambiente onde ela vive seja saudável em todos os sentidos. Enfim, amar e gerenciar nossas ações para que a vida seja sustentável e plena.

Servir ao dinheiro significa passar por cima das premissas de vida, para obter lucro. Significa transformar tudo em valor financeiro, em moeda comercial ou de influência. É especular e usar todos os meios para aumentar o volume monetário. Isto vem sempre acompanhado de algum tipo de escravidão.

O celesquiano precisa ter valores incorruptíveis, e saber muito bem a quem serve. Os que agem de forma diferente são os vendilhões e mercenários que em todas as épocas existiram. São os "Judas" que tentam sempre levar vantagem em tudo. Mas, o verdadeiro celesquiano sabe quem é e o que defende. Somos uma empresa de vocação pública e às duras penas conseguimos propiciar condições para o bom desempenho de todos os setores da sociedade catarinense. Atendemos ricos e pobres, sem distinção. Com o esforço de cada trabalhador temos levado o progresso a todos os cantos de Santa Catarina, com bom ou mau tempo, com inflação, corrupção, mensalões e outros tantos pesadelos que assolam nosso país. Tratamos nossos clientes com dignidade e respeito, pelos cidadãos que são e não pelo dinheiro que possuem. Valorizamos a vida e o desenvolvimento sustentável. Nossas lutas são por melhores condições de vida e de trabalho. Defendemos a Celesc com unhas e dentes, não por nossos empregos apenas, mas porque entendemos que nosso trabalho tem enorme relevância para toda a sociedade. Não suportamos a ideia de que a falta de planejamento dificulte ou nos impeça de cumprir nossa missão, nem de um mercado que diz que somos apenas um produto, uma marca ou uma cifra. Por essas e outras razões que tantas vezes lutamos.

Entendemos que é errado trabalhar com a gestão dos resultados, porque se perde o foco dos processos. Porque não é possível almejar 2030 (resultado) se não conseguirmos enxergar com clareza o dia de hoje nem tampouco a nossa bela história (processo). Quem não tem passado não tem futuro, diz um velho provérbio. É por isso que não é possível vislumbrar um destino sem saber onde se está e nem de onde se vem. Mas antes de tudo, é preciso ter a vocação para essa missão. Porque sem a identidade com a qual fomos feitos não chegaremos a lugar nenhum.

A adaptação a novos tempos é necessária, entretanto, não podemos submeter à escravidão quem quer que seja, nem perder a identidade de empresa comprometida, de visão social e responsável. Nossa filosofia é sustentável. Queremos que nossas ações levem o progresso a todos. Repudiamos a especulação de quem ganha sem nada produzir. Repudiamos os atravessadores que compram serviços de terceiros, cobrando um preço alto por um trabalho escravo ou sem qualidade. Se o mercado pensa diferente, ele é que está errado. Está desequilibrando a vida e a sociedade. Entendemos que ações sustentáveis são ganhos que devem ser considerados. Adaptemos-nos, ao mercado, mas questionemos a sua lógica e preservemos a nossa melhor virtude: Sustentabilidade.

No fim, todos saberão que nossa luta é justa. Estaremos sempre dispostos a fazer o esforço necessário, mas o tempo nos ensinou que somente quem conhece a nossa trajetória é capaz de entender a dimensão daquilo que fazemos.

Parece utopia? A fé também parece, mas para aqueles que a possuem ela é bem real.

ERRATA

NA EDIÇÃO PASSADA DO LINHA VIVA, NA MATÉRIA "PLENÁRIA DEFINE PAUTA DO ACT 2013/14", FOI DIVULGADO ERRONEAMENTE O NOME DE UM DOS DIRETORES DA TRACTEBEL QUE ACOMPANHOU A ENTREGA DA PAUTA. O CORRETO É **JOSÉ CARLOS CAUDURO MINUZZO**



LINHA VIVA é uma publicação da Intersindical dos Eletricitários de SC
 Jornalista responsável: Paulo Guilherme Horn (SRTE/SC 3489) | Conselho Editorial: Felipe Braga
 Rua Max Colin, 2368, Joinville, SC | CEP 89206-000 | (047) 3028-2161 |
 E-mail: sindsc@terra.com.br
www.sindnorte.org | www.sinergia.org.br | www.sintresc.com.br
www.sintevi.com.br | www.intersul.org
 As matérias assinadas não correspondem, necessariamente, à opinião do jornal.



No dia 31 de dezembro farão exatamente 20 anos que um grupo indígena estragou a festa de virada de ano do então presidente mexicano Carlos Salinas de Gortari. Foi no dia 31 de dezembro de 1993. Enquanto se preparava para brindar a passagem do ano e a entrada do México na Nafta (o Tratado de Livre Comércio da América do Norte), Salinas foi avisado que um grupo armado acabava de tomar a localidade de San Cristóbal de las Casas e vários pontos de Chiapas, o estado situado ao sul da península de Yucatã. Estavam todos encapuzados e se diziam integrantes do Exército Zapatista de Libertação Nacional. Todos se chamavam Marcos e queriam três coisas: 1. O fim da marginalização dos indígenas locais, descendentes dos maias; 2. A extinção do NAFTA, o tratado de livre comércio entre México, Estados Unidos e Canadá, visto por eles como exemplo de submissão ao poder americano; 3. Combater a corrupção na política local.

Os zapatistas (seu nome é uma homenagem ao revolucionário Emiliano Zapata (1879-1919), que liderou uma luta pela reforma agrária no país no início do século 20) não se constituíram num exército por muito tempo. Pressionados pelo exército mexicano, em 2005 eles decidiram largar as armas. Abandonaram também toda política de demandas e, com ela, todo o contato com o Estado, optando por se concentrar em construir suas próprias formas autônomas, horizontais de auto-governo dentro de seus próprios territórios e com os seus próprios meios de subsistência. Hoje os zapatistas vivem em zonas autônomas completamente independentes do estado mexicano. Silenciosamente, longe dos holofotes e cameras, as comunidades zapatistas aprofundaram sua construção autônoma, a ponto de agora pode-se falar de uma nova sociedade, regida por regras, códigos e leis diferentes das do nosso

mundo. Eles também incorporam tecnologias modernas como telefones via satélite e Internet como uma maneira de obter a sustentação local e estrangeira. Consideram-se parte do largo movimento de anti-neoliberal. Sua voz mais visível, embora não seu líder, porque é um segundo-comandante — todos os comandantes são índios maias — é o subcomandante Marcos.

Agora, 20 anos depois, os zapatistas estão convidando 1.500 ativistas do mundo inteiro para as “Escuelitas de Liberdade”. Os convidados vão estudar a experiência dos zapatistas em autonomia.

“Os professores serão as comunidades zapatistas em si, que sediarão cada aluno em suas terras, um com cada família, onde vão experimentar o que é ser um zapatista”

Os professores serão as comunidades zapatistas em si, que sediarão cada aluno em suas terras, um com cada família, onde vão experimentar o que é ser um zapatista. Haverá estudantes dos cinco continentes.

“Não é muito o que fizemos, mas tivemos que trabalhar duro, aprender a governar-nos, não sem erros, e ainda estamos aprendendo”, diz um membro das Juntas de Bom Governo. Não queremos fornecer um “guia” ou “projeto” que diga “a autonomia deve ser assim”, não queremos que copiem nosso sistema autônomo de auto-governo, mas queremos que você pense e decida o que quer fazer”. Num comunicado o sub Subcomandante Marcos assegurou que “ao longo dos anos, nos tornamos mais fortes e temos

melhorado significativamente as nossas condições de vida. Nosso padrão de vida é maior do que as das comunidades indígenas que recebem ajuda do governo e a desperdiça em álcool e outras coisas inúteis. Nas comunidades zapatistas as mulheres não são vendidas como mercadoria e conseguimos até estender a outros indígenas o tratamento em nossos hospitais, laboratórios, porque não há qualquer medicamento, equipamentos médicos ou pessoal qualificado nas comunidades geridas pelo governo.”

O Zapatistas ressaltam que a cada minuto de sua existência é dedicado ao respeito à diversidade de maneiras de fazer as coisas. “Qualquer tentativa de homogeneidade nada mais é do que uma tentativa fascista de dominação. Quando se fala de “unidade”, não quer dizer estar sob o comando de alguém ou de alguma coisa — individual ou coletiva. No altar falacioso da “unidade”, as diferenças são sacrificadas e a persistência de todos os pequenos mundos de tirania e injustiça que sofremos é ocultado”.

Os interessados em participar da próxima rodada do Escuelita em dezembro/janeiro de 2013-14, podem manifestar o seu interesse enviando um e-mail para escuelitazapDicEne13_14@ezln.org.mx

